

Disputas e impasses nas representações midiáticas da skatista Rayssa Leal

Disputes and impasses in the media representations of the skater Rayssa Leal

CLAUDIA DA SILVA PEREIRA^a

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro – RJ, Brasil

RESUMO

O objetivo é discutir disputas e impasses que se impõem sobre formas comunicacionais que favoreçam a consolidação dos jovens como atores sociais, em toda a sua complexidade, nas representações midiáticas da noção de “juventude”. Aplica-se o método da Análise Interpretativa de Conteúdo em matérias jornalísticas sobre a skatista Rayssa Leal antes, durante e depois das Olimpíadas. A teoria das representações sociais de Serge Moscovici, o olhar sobre os jovens como atores sociais de Rossana Reguillo Cruz e as “culturas de lazer” de José Machado Pais colaboram para a reflexão teórica. Comparando-se matérias publicadas no jornal *O Globo* e outros veículos, conclui-se que as representações analisadas passam por um processo de subjetivação, porém permanecem aspectos que reforçam a ideia de juventude como conceito homogeneizante.

Palavras-chave: Juventude, representações midiáticas, culturas juvenis, Rayssa Leal, *skateboarding*

^a Doutora em Antropologia Cultural (2008) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – IFCS / PPGSA. Pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio. Coordenadora do Curso de Publicidade. Concentra suas pesquisas nos estudos da juventude e suas relações com mídia, consumo, corpo, moda, gênero e redes sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5382-130X>. E-mail: caupereira@gmail.com

ABSTRACT

This study aims to discuss the disputes and impasses imposed on forms of communication that contribute to the consolidation of young people as social actors, in all their complexity, in the media representations of the notion of “youth.” The Interpretive Content Analysis method was applied in journalistic articles about skateboarder Rayssa Leal before, during, and after the Olympics. Serge Moscovici, Rossana Reguillo Cruz, and José Machado Pais, among others, collaborate for theoretical reflection. Comparing articles published in the newspaper *O Globo* and other periodicals, it is concluded that the representations analyzed undergo a process of subjectivation, but aspects that reinforce the idea of youth as a homogenizing concept remain.

Keywords: Youth, media representations, youth cultures, Rayssa Leal, *skateboarding*



OLLIE, FLIP, POP shove-it, kickflip, boardslide, tailslide, flip backside indy air, manobras linguísticas que invadiram as madrugadas das famílias nas Olimpíadas de 2020, realizadas em julho de 2021 devido à pandemia de covid-19, são alguns dos inúmeros termos que circulam com naturalidade dentro da cultura do skate, mas que se mostraram bastante desafiadores para quem queria apenas torcer pelo Brasil. A mídia esportiva especializada esforçou-se bastante para aproximar a audiência leiga e os skatistas, inclusive fazendo uso de recursos didáticos que evidenciaram a urgência de tornar familiares as representações sociais (Moscovici, 2011) que só circulavam em *bowls*, parques, pistas e revistas de skate. A despeito da quase impossibilidade de incorporação das gírias e denominações que povoam o universo desse esporte estreante nos Jogos Olímpicos em tão pouco espaço de tempo, a torcida brasileira abraçou o skate e parece não querer mais largar, graças a atletas que trouxeram três medalhas de prata “para casa”: Kelvin Hoefler e Rayssa Leal na categoria “street”, e Pedro Barros na categoria “park”. Mas foi Rayssa, a “fadinha” de apenas 13 anos, que arrebatou o coração e a atenção de todos – e é nessa relação que se construiu entre a skatista, a sociedade brasileira e as mídias que se concentra o presente artigo.

O objetivo é discutir, por meio das representações midiáticas da skatista Rayssa Leal que circularam antes, durante e depois das Olimpíadas de 2020 em matérias jornalísticas, os valores presentes na noção de juventude que refletem aqueles da sociedade brasileira contemporânea. Serão observados, principalmente, os modos como tais representações reiteram a noção homogeneizante de “juventude”, constituindo-se em impasses que se impõem sobre formas comunicacionais que favoreceriam a consolidação dos jovens, em toda a sua complexidade, como atores sociais. No caso de Rayssa, a visibilidade midiática que alcançou e a subjetividade da atleta construída a partir de sua experiência olímpica lançaram uma luz sobre algumas questões comunicacionais que serão aqui abordadas. O método aplicado é a Análise Interpretativa de Conteúdo. O *corpus* contempla seis matérias jornalísticas publicadas entre os anos de 2019 e 2021, no jornal *O Globo* e em outros veículos – *Diário do Nordeste*, *Estado de Minas* e *Exame*.

A revista *Claudia*, em 26 de julho de 2021, dia em que Rayssa Leal ganhou a medalha de prata nos Jogos, relata sua trajetória – numa das dezenas de matérias observadas na primeira fase da pesquisa, a qual será detalhada adiante. No lugar de reescrever este percurso, e já dentro do objetivo de considerar as representações midiáticas que consagram a skatista como figura pública, optou-se por reproduzir o trecho da revista, que revela alguns dos aspectos que foram analisados ao longo do texto.

Também conhecida como “Fadinha”, Jhulia Rayssa Mendes Leal nasceu em 2008 na cidade de Imperatriz, no Maranhão. Seu primeiro contato com o esporte foi aos 6 anos, quando, por influência de um amigo de seu pai, ela começou a andar de skate. Aos 7 anos, Rayssa ganhou o Brasil e o mundo, quando um vídeo seu viralizou na internet. Nele, a garota estava vestida de Sininho, a fada do filme Peter Pan, e realizando uma manobra do skate conhecida como *heelflip*. Foi aí que ganhou o apelido e deu esperança aos brasileiros de que um grande nome esportivo estava a caminho.

Os anos seguintes só confirmaram o que já se sabia: a maranhense, que até então praticava o esporte apenas como uma brincadeira, tinha grandes chances de ser uma atleta olímpica.

Aos 11 anos, já se dedicando a grandes competições da modalidade, Rayssa conquistou uma etapa da *Street League Skateboarding* (SLS) e fez história ao se tornar a mais jovem skatista a realizar o feito. Na disputa em Los Angeles, a Fadinha chegou a superar outro grande nome do skate brasileiro, Pamela Rosa. (Paixão, 2021)

A revista *Exame* complementa:

Mas, para além de viralizar no Brasil, o vídeo de Rayssa, a nova “fadinha”, foi compartilhado por ninguém menos que Tony Hawk, uma das maiores lendas da história do skate. Na época, ainda desconhecida, Rayssa chamou a atenção do veterano, que apenas escreveu “eu não sei nada sobre isso, mas sei que é incrível” (Gavioli, 2021).

É importante pontuar que, por “juventude”, em oposição a “juventudes” no plural, entende-se o trabalho da construção social, para o qual colaboram diferentes instituições, as interações sociais e a mídia (Pais, 1990; Reguillo Cruz, 2000). Trata-se de uma categoria que abarca sujeitos de determinadas faixas etárias, a depender da convenção que será usada, que são classificados a partir de sua articulação com determinados valores, símbolos e práticas. Reguillo Cruz (2000, p. 59) defende estudos acadêmicos que compreendam a “juventude” não como um sujeito empírico “monopassional”, que possa ser “etiquetado simplesmente como um todo homogêneo”. Para Morin (2006), a “juventude” é aquela que passava a ser reconhecida como um ator social no pós-guerra, graças à emergência de uma cultura de massas que se sustentou em grande medida na também emergente “cultura juvenil”; ela é parte do processo de mudança social que caracteriza a modernidade.

O artigo divide-se em três seções: na primeira, será apresentado o método da Análise Interpretativa de Conteúdo, que transcorre como base da reflexão, integrando-se ao desenvolvimento mesmo da discussão central, que se concentra sobre o *corpus* coletado; a segunda dedica-se à última fase do método, chamada de “teorização”, quando se articularão a empiria e teoria dos autores aqui acionados; por último, encerram o texto as “considerações finais”.

ANÁLISE INTERPRETATIVA DE CONTEÚDO: RAYSSA LEAL NO JORNALISMO

Muitas matérias jornalísticas foram publicadas sobre Rayssa Leal, antes, durante e depois das Olimpíadas. As questões que serão desenvolvidas ao longo deste texto surgem da observação de parte deste conteúdo, disponível na Internet.

A Análise Interpretativa de Conteúdo (AIC) propõe um trajeto metodológico que visa à seleção, classificação e tipificação de conteúdo midiático, seja ele publicitário, jornalístico ou digital (redes sociais on-line) seguindo de etapas que podem se sobrepor, indo e voltando, na medida em que as ações são implementadas:

1. Construção do objeto da pesquisa: a partir da identificação de palavras, expressões ou imagens, explícitas ou não (daí o caráter “interpretativo” do método), que compartilham o mesmo nexos semântico;
2. Compreensão do contexto: elaboração de uma perspectiva histórica, cultural e social na qual se insere o conteúdo identificado como objeto da pesquisa;
3. Recorte do *corpus* da pesquisa: definição do material que será tomado para a análise;
4. Identificação dos elementos expressivos: busca de termos e referências que sejam recorrentes e/ou não recorrentes, no todo e em partes agrupadas do material;
5. Categorização: classificação e tipificação dos elementos expressivos em categorias interpretativas de análise;
6. Teorização: construção de ideias a partir da perspectiva teórico-conceitual adotada.

A partir dos desdobramentos de cada uma dessas etapas, se desenvolverá a discussão à qual se propõe o presente artigo.

Construção do objeto de pesquisa

Antes de iniciar, vale uma nota: entende-se, na AIC, que a “construção do objeto” não se encerra na delimitação do problema e do objetivo da pesquisa,

pois se dá ao longo de todo o processo de análise, inclusive na teorização. Embora a etapa (1) vise também à construção do *corpus* da pesquisa, ela não se resume a isso, juntando-se a todas as demais como parte de um objeto em permanente construção.

A busca pelas matérias jornalísticas para a presente pesquisa se deu entre os dias 20 e 22 de fevereiro de 2022. Foram usadas como plataformas o Acervo Digital *O Globo* e a ferramenta de pesquisa Google: o primeiro, por ser um facilitador para a pesquisa, graças ao acesso remoto e à disponibilização de todas as suas edições de modo acurado e rápido; o Google, para que a análise pudesse ser contemplada com a perspectiva comparativa, incluindo uma diversidade de outros veículos jornalísticos, evitando que qualquer viés afetasse os resultados, os quais poderiam ser condicionados a uma linha editorial exclusiva d'*O Globo*.

Os filtros aplicados em ambas as plataformas de busca foram “Rayssa Leal” e “fadinha do skate” e, do resultado obtido, selecionaram-se apenas matérias publicadas no meio digital em veículos jornalísticos que tenham, ou que tivessem tido no passado, correlatos impressos – excluíram-se *a priori* blogs e outras páginas não vinculadas ao segmento jornalístico. Ainda, foram desprezados textos que apenas citavam a skatista, sem desenvolver nenhuma ideia a seu respeito (como em rankings, por exemplo, ou divulgação de sua participação em programação cultural e esportiva). Considerados esses critérios, chegou-se a um total de 82 matérias jornalísticas publicadas entre os dias 18 de março de 2018 e 14 de fevereiro de 2022, sendo 64 do jornal *O Globo* e 18 de outros veículos.

Ainda, também para efeito de comparação, classificou-se o material em três momentos, como dito anteriormente: antes, durante e depois das Olimpíadas. Por ora, nessa primeira etapa de construção do objeto de pesquisa, essa classificação não será considerada. Nesse momento da aplicação do método, valoriza-se a interpretação e todo o *background* cultural do pesquisador. É quando o objeto pré-construído se desconstrói para que se torne um objeto construído (Bourdieu, 2007). É o momento das descobertas e do “apaixonamento” pelo objeto da pesquisa, quando tudo se volta para a seleção e coleta do material que poderá vir a ser, mais à frente, o *corpus* da análise. Na prática, é buscar por palavras, expressões e imagens que se articulem por meio de um nexo semântico que é fruto da interpretação de quem observa.

Começando pelo jornal *O Globo*, Rayssa Leal aparece associada, entre outras, a noções de “infância”, “adolescência”, “crescimento”, “desenvolvimento”, “alegria”, “diversão”, “descontração”, “brincadeira”, “carisma”, “inocência”, “fenômeno”, “responsabilidade”, “leveza”, “talento”, “promessa”, “prodígio”, “inspiração”, “encantamento”, “heroísmo”, “superação”, “sonho”, “conto de fadas”, “brejeirice”, “família”, “escola”, “celebridade”, “mudança de vida”.

A título de organização desses elementos, essas palavras e expressões serão aproximadas e separadas por um dado nexos semântico (Tabela 1), resultado de interpretação.

Tabela 1

Palavras e expressões organizadas por seu nexos semântico – O Globo

| Fase da vida | Atributos | Cotidiano | Dádivas | Realizações |
|-----------------|--------------|------------------|--------------|-----------------|
| infância | alegria | família | promessa | mudança de vida |
| adolescência | diversão | escola | inspiração | superação |
| crescimento | descontração | mudança de vida | encantamento | sonho |
| desenvolvimento | brincadeira | responsabilidade | fenômeno | conto de fadas |
| prodígio | carisma | | heroísmo | celebridade |
| | brejeirice | | fadinha | |
| | talento | | | |
| | inocência | | | |

Nota. Elaborado pela autora

Partindo dessa organização, as imagens das matérias publicadas no jornal *O Globo* reforçam e complementam alguns desses conjuntos de palavras e expressões (Figura 1).

As fotografias que ilustram as matérias do jornal mostram um corpo magro, diminuto, tão infantil que é carregado com facilidade por suas amigas skatistas. A imagem da “fadinha” apareceu apenas uma vez, embora os textos escritos façam referência ao apelido com recorrência: a persistência dessa figura, a “fadinha” de 7 anos, sublinha a infância ainda presente na skatista Rayssa, apesar de ela a rejeitar. Um elemento que nunca passa despercebido nos enquadramentos feitos pelos fotógrafos é o aparelho nos dentes da skatista, denotando que ela ainda está em fase de crescimento, o que, por contraste, reforça seu potencial de atleta “que parece com um adulto”. A última imagem da sequência da Figura 1 está inserida em uma matéria em que Rayssa afirma, “Eu cresci, podem me chamar de Rayssa Leal” (“Eu cresci”, 2021), marcando a transição de sua infância para a adolescência, num esforço de se afastar do apelido que a fez famosa, “fadinha”.

Figura 1

Fases da vida: infância, adolescência, prodígio



Nota. Acervo Digital do jornal *O Globo*

A personalidade de Rayssa, reconhecida como alegre, divertida e descontraída, sempre brincando com o público, as câmeras e suas oponentes nos campeonatos, surge no sorridente aparelho em sua boca e em seus gestos carismáticos. As clássicas fotografias de manobras que povoam a cultura do skate agora se espalham também pelos veículos não especializados, como *O Globo* – e, combinadas com as outras imagens da skatista, ressaltam o talento de seu corpo ainda em crescimento (Figura 2).

Figura 2

Atributos: alegria, diversão, descontração, carisma, talento, brejeirice, inocência



Nota. Acervo Digital do jornal *O Globo*

As conquistas, é claro, também colorem as reportagens que registram os campeonatos dos quais Rayssa participa. Na sequência da Figura 3, destaca-se a primeira fotografia, que ocupou quase um terço de uma página d’*O Globo*, como se tentando demonstrar o tamanho gigante que a pequena

Disputas e impasses nas representações midiáticas da skatista Rayssa Leal

skatista passava a ocupar no imaginário dos brasileiros, tal qual uma heroína, inspiradora e encantadora.

Figura 3

Dádivas: heroísmo, fenômeno, promessa, inspiração



Nota. Acervo Digital do jornal *O Globo*

Helal e Costa (2021) analisam a construção dos heróis e dos vilões no futebol. Os autores remetem à elaboração da noção do “futebol-arte” nos anos 1930, um “jeito autêntico de jogar”, que reuniria elementos de uma dada identidade nacional – por exemplo, determinados movimentos corporais do “malandro”, mito tão presente na cultura brasileira: “A construção da figura heróica a partir das ‘técnicas corporais’ (MAUSS, 2003), consideradas autenticamente brasileiras e expressas no drible, ainda se mostra presente na construção midiática contemporânea” (Helal & Costa, 2021, p. 145). As fotografias nas páginas esportivas passam a valorizar tais movimentos tão cheios de brasilidade, de acordo com Helal e Costa (2021), ao retratarem o jogador Leônidas.

Transportando esta discussão para o universo do skate e do momento em que a modalidade estreia nas Olimpíadas de 2020, vimos a mídia especializada buscar, no caráter heroico dos ídolos esportivos, a brasilidade e a trajetória de Rayssa Leal, a menina simples, maranhense de Imperatriz, que viraliza nas redes sociais vestida de fada depois de um evento na escola, o seu jeito

autêntico de ser adolescente, com as dancinhas e as brincadeiras, e a exaltação de seu desempenho nas difíceis, quase impossíveis, manobras durante as disputas. Vê-se a construção da imagem de uma menina, com trajetória de heroína, que chega para resgatar a alegria dos brasileiros em tempos difíceis, quando nenhuma outra ainda havia existido, já que o *skateboard*, para a imensa maioria das famílias brasileiras, é ainda uma novidade.

Também nas narrativas esportivas, as técnicas corporais tipicamente brasileiras juntam-se àquelas atribuídas ao corpo jovem, irreverente. E, em adição à biografia “editada” pela imprensa, que “ênfatiza certos aspectos e minimiza outros” vemos Rayssa “escrever” sua trajetória “(...) em ‘parceria’ com a mídia” (Helal & Costa, 2021, p. 145), exatamente quando ela legitima determinadas representações, como se verá mais à frente, ou recusa seu apelido de “fadinha” que a consagrou, demonstrando que não é mais criança, e sim uma adolescente.

Por várias vezes, *O Globo* mencionou a expectativa da skatista com relação às mudanças que passariam a acontecer em sua vida depois de ganhar a medalha de prata nas Olimpíadas. Uma dessas transformações resulta em contratos com grandes marcas, dentro e fora do mercado esportivo, afirmando o lugar de Rayssa como uma disputada celebridade. De todas as matérias observadas, apenas uma ilustrou com imagem seu novo papel como “garota-propaganda” (Figura 4).

Figura 4

Realizações: mudança de vida, celebridade – Rayssa Leal na campanha da marca Nike



Nota. Acervo Digital do jornal *O Globo*

A título de comparação, há outras palavras, expressões e imagens que se juntam às que foram até aqui apresentadas por *O Globo* (Tabela 2).

Tabela 2

Palavras e expressões organizadas por seu nexos semântico – Outros veículos

| Atributos | Potencial | Visibilidade | Vulnerabilidade |
|--------------------|------------------|---------------------|-----------------|
| segurança | força nordestina | engajamento digital | proteção |
| descontração | fez história | sucesso nas redes | saúde mental |
| maturidade | | visibilidade | jovem demais |
| timidez de criança | | grande audiência | |
| fadinha | | | |
| vibe | | | |
| leveza | | | |
| alegria | | | |

Nota. Elaborado pela autora

Os veículos selecionados foram: *Quem, Veja, Exame, Istoé, Vogue, Claudia, Marie Claire, Fórum, Lance, Diário do Nordeste, Correio* (Bahia), *Folha de São Paulo, Estado de Minas*. Percebe-se que há recorrência de palavras, expressões e imagens identificadas no jornal *O Globo*, porém outras representações surgem aqui.

Contrastando com a “leveza, alegria e descontração” da skatista, ressaltam-se sua “segurança e maturidade”, apesar da “timidez de criança”. A figura da “fadinha” aparece muito mais do que no jornal *O Globo*, e o vídeo que deu origem ao apelido também é bastante mencionado. Junta-se a esses atributos pessoais o potencial de Rayssa, como uma força nordestina e alguém que está fazendo história, apesar da pouca idade. Outro aspecto que se destaca é a visibilidade midiática conquistada pela atleta e, nesse contexto, divulgam-se os números de seguidores nas redes sociais, reconhecendo-se o seu enorme engajamento digital. Ao mesmo tempo, Rayssa é tomada, pelos seus 13 anos, como alguém que precisa de “proteção” (emocional e jurídica) e de cuidados com relação a sua saúde mental, já que está exposta a uma “audiência imensa”.

As imagens acompanham os sentidos que são aqui identificados e articulados com as representações da skatista, ressaltando ainda outras questões relevantes.

Com alguma recorrência, a identidade de Rayssa como brasileira e maranhense é destacada. Uma matéria no *Estado de Minas* (Rodrigues, 2021) relata a reação de seguidores na rede social *Twitter* diante de uma representação considerada muito embranquecida da skatista, o que teria levado a ilustrações que trouxeram traços fenotípicos que mais se aproximavam de sua cor de pele e textura do cabelo (Figura 5)

Figura 5

Representatividade negra de Rayssa vira polêmica e incentiva outras representações de artistas



Nota. Estado de Minas (Rodrigues, 2021)

Em quase todas as matérias analisadas neste conjunto de veículos, os atributos correspondentes à adolescência de Rayssa são enfatizados, configurando-se, assim como no jornal *O Globo*, uma representação recorrente (Figura 6).

Figura 6

Persistem atributos que relacionam Rayssa Leal a imagem da “fadinha” à sua “leveza”, “descontração” e “alegria”



Nota. “Brasileiras para ficar de olho” (2021) / “Rayssa Leal celebra” (2021) / “Rayssa Leal entra para livro dos records” (2021)

A revista *Vogue*, por sua vez, traz uma Rayssa Leal mais “jovem” e madura (Figura 7), o que pode ser interpretado pela ausência da marca da skatista nas mídias: o seu sorriso. Séria, posando para um editorial de moda, presume-se que o aparelho nos dentes deveria ser ocultado, porque, aqui, não interessava tanto mostrar seu lado mais infantil.

Figura 7

Em editorial de moda, Rayssa Leal surge mais “madura” e o sorriso com aparelho desaparece



Nota. *Vogue* (Sordi, 2021)

Compreensão do contexto

Nesta etapa da Análise Interpretativa de Conteúdo, leva-se em conta a historicidade das representações sociais presentes no material coletado. É preciso, em outras palavras, observar o contexto em que se inserem os textos, imagens e todos os registros coletados.

Com o objetivo de contextualizar a análise, vale a pena começar com uma breve perspectiva histórica da prática do skate. Sua origem é atribuída aos surfistas californianos dos anos 1950 que, sem ondas no mar, adaptaram uma prancha de madeira com rodas e eixos, e assim passaram a descer as famosas ladeiras de São Francisco. Leonardo Brandão (2014) afirma que a influência do surf se deu na composição da prancha, nos movimentos do corpo e na cultura dos praticantes. Em 1960, aumentou significativamente o número de skatistas pelo mundo e, na década de 1970, eles já eram muitos no Brasil. A atividade se consolidou como esporte e novos espaços foram criados nas cidades, como *skateparks*, *bowls* e pistas, e modalidades foram se expandindo. Para além do caráter esportivo, que sofreu uma forte crise no início dos anos 1980, o punk e outras culturas juvenis abraçaram o *skateboarding*, atribuindo a ele novos valores culturais e urbanidade: assim, consolidou-se o skate de rua

(street). Pelo fácil acesso, o skate de rua tornou-se ainda mais popular entre jovens brasileiros. No início dos anos 1990, sua indústria foi fortemente abalada por uma crise financeira no Plano Collor, mas, mesmo assim, o skate conseguiu não só sobreviver, mas se consolidar ao longo da década (Brandão, 2014).

Matéria publicada no jornal *O Globo* em meados dos anos 1980 (Figura 8) apresenta o skate como uma prática pujante no país. Ressaltam-se os valores da “amizade” e da “sinceridade”, tão característicos da cultura de seus praticantes, assim como a masculinidade predominante entre eles.

Figura 8
Matéria sobre skate, jornal *O Globo*, em 2 de novembro de 1986.



Nota. Acervo digital O Globo. (“Skate & Destroy”, 1986)

Estima-se que, hoje, há 8,5 milhões de pessoas praticando *skateboarding* no Brasil¹. O mercado mundial gira em torno de 3 bilhões de dólares, sendo cerca de 300 milhões de dólares no Brasil. Empresas ligadas a esportes tratam a modalidade como a segunda mais praticada por homens no país, atrás apenas do futebol². Porém, as mulheres têm ingressado no universo do skate nas últimas décadas, e o resultado é Rayssa Leal, que teve como exemplos Letícia Bufoni, Pamela Rosa e, antes delas, Karen Jonz, além de muitas outras.

¹ Em 2009, eram 3,8 milhões de praticantes de skate no Brasil. Informações disponíveis em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/aumenta-o-numero-de-praticantes-de-skate-no-brasil-aponta-pesquisa.html>. Acesso em 20 de maio de 2018

² Informações disponíveis em: <http://esporte.uol.com.br/skate/ultimas-noticias/2012/02/10/antes-vagabundos-esportes-radiciais-viram-aposta-segura-no-mercado-esportivo.jhtm>. Acesso em 10 de junho de 2018.

As matérias separadas para a presente pesquisa datam do período que vai de 2018 a 2022, ou seja, em torno da realização das Olimpíadas de 2020, que aconteceram em 2021. Foi a estreia do *skateboarding* nos Jogos Olímpicos, com três medalhas de prata.

Em 1º de janeiro de 2019, assumia a presidência Jair Messias Bolsonaro, que vem atuando, ainda no momento desta escrita, como um conservador de direita, causando inúmeras polêmicas, envolvendo-se em episódios controversos, o que vem criando no país uma polarização política como há décadas não se via, desde o Golpe de 1964. Em 16 de março de 2020, os brasileiros entravam em isolamento social devido à pandemia de covid-19, situação que perdura, com altos e baixos, por dois anos. Ainda que as vacinas tenham chegado em 2021, controlando a expansão da letalidade da doença, as Olimpíadas aconteceram no Japão um ano depois do programado, mergulhadas em protocolos sanitários. Junto a outras atletas como Rebeca Andrade, que ganhou medalha de ouro na Ginástica Artística, e aos demais atletas que trouxeram ainda outras 19 medalhas, totalizando 21 para o Brasil, Rayssa Leal, é importante frisar, emerge em meio a esse contexto de profunda insatisfação política e de um luto nacional pelos mais de 600.000 mortos por covid-19.

As matérias analisadas não foram publicadas apenas em seções dedicadas ao esporte, mas também em espaços para assuntos mais gerais, inclusive em editorias de moda. Em várias delas, Rayssa era a personagem principal, mas com recorrência era referida a outras skatistas, como as já mencionadas Pamela Rosa, Letícia Bufoni e Sky Brown, entre outras.

Recorte do corpus de pesquisa

O recorte do *corpus* desta pesquisa se constitui como resultado da interpretação do todo coletado, da organização de palavras, expressões e imagens com nexos semântico, e da compreensão do contexto. Trata-se de selecionar quantas e quais matérias serão mais profundamente analisadas daqui em diante.

Conforme se afirmou anteriormente, há dois conjuntos de veículos que serviram ao acesso ao conteúdo midiático analisado: de um lado, o jornal *O Globo* e, de outro, treze veículos, entre eles revistas e jornais digitais que têm, ou já tiveram, versão impressa – esse é apenas um critério arbitrado por quem analisa. São eles, *Quem, Veja, Exame, Isto é, Vogue, Claudia, Marie Claire, Forum, Lance, Diário do Nordeste, Correio* (Bahia), *Folha de São Paulo, Estado de Minas*. Ainda, será considerado o momento da publicação, antes, durante e depois das últimas Olimpíadas, realizadas em julho de 2021.

Assim sendo, foram selecionadas seis matérias jornalísticas que seguirão para a próxima etapa de análise, duas para cada momento da publicação, uma de cada conjunto de veículos). São elas: antes das Olimpíadas, n’*O Globo*, “Brasileira de 11 anos mira pódio em estreia do skate nos Jogos” (Lester Filho, 2019) e no *Diário do Nordeste*, “Quem é Rayssa Leal, a ‘Fadinha do Skate’ de 13 anos candidata ao Ouro nas Olimpíadas” (Azevedo, 2021); durante as Olimpíadas, n’*O Globo*, “Rayssa busca a realização de seu conto de fadas” (Alexandrino, 2021) e no *Estado de Minas*, “Rayssa Leal é desenhada com traços brancos por ilustradores” (Rodrigues, 2021); depois das Olimpíadas, n’*O Globo*, “Eu cresci, podem me chamar de Rayssa Leal” (“Eu cresci”, 2021) e na *Exame*, “Em que o fenômeno de Rayssa Leal pode ajudar a sua empresa?” (Barros, 2021). A escolha baseou-se na observação relatada na etapa (1), na qual se destacam os conteúdos midiáticos que tratam da fase de vida da skatista adolescente, de seus atributos, de suas dádivas como “fadinha”, de sua brejeirice e brasilidade e, por fim, de suas realizações, levando a uma enorme visibilidade midiática.

Identificação dos elementos expressivos

Com a seleção das matérias, parte-se para a identificação dos elementos expressivos. Isso depende do que determina o problema e os objetivos da pesquisa, mas também de sensibilidade interpretativa. Há, aqui, uma combinação da perspectiva quantitativa, comum na AC, já que os “elementos expressivos” selecionados o serão pela recorrência de suas menções, com a abordagem qualitativa, já que aquilo que não é recorrente, o que aparece uma ou duas vezes, também segue para a fase seguinte, graças à sua pertinência dentro do conjunto do *corpus* da pesquisa.

Antes de elencar os “elementos expressivos” dos seis conteúdos jornalísticos, vale ressaltar que há uma tendência que marca os três momentos referentes aos Jogos, quando o tema é Rayssa Leal, a partir do que se observou nas 82 matérias selecionadas. Antes deles, a maioria apontava o potencial da skatista para uma boa performance nas Olimpíadas, sempre destacando a sua pouca idade, mas ela aparecia em meio a outros nomes que ganhavam mais espaço e visibilidade, principalmente Pamela Rosa e Leticia Bufoni – noutras palavras, Rayssa era mais uma no ranking entre tantos atletas e o que se apresentava era seu resultado (à exceção das matérias escolhidas para análise). Durante o evento, e principalmente quando leva a medalha de prata, a skatista começa a ganhar não só mais espaço nas matérias, mas também um outro jeito de ser representada que diz respeito mais à sua subjetividade do que à sua performance, como era antes. Depois das Olimpíadas, Rayssa é retratada como alguém que mudou, que cresceu, e que passa a gerar lucros, para si mesma e para as marcas.

Agora observando as seis matérias selecionadas, faz-se uma nova classificação (Tabela 3) contendo os “elementos expressivos” que serão analisados.

Tabela 3
Elementos expressivos

| Antes das Olimpíadas | Durante as Olimpíadas | Depois das Olimpíadas |
|-------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|
| ranking | conto de fadas | “eu cresci” |
| comparação com outras skatistas | mais jovem atleta | “sei que [...] ” |
| superação e sacrifício | sonho da criança virou realidade | incentivo a outras meninas |
| talento precoce | chega a Tóquio fazendo história | “não sou mais criança” |
| fadinha do skate | criança que só quer diversão | “faço 14 anos já já” |
| menina prodígio | não quer desperdiçar oportunidade | mudou toda a vida |
| brincar de skate | apenas 1,45m e 35 kg | limite de tempo nas redes sociais |
| talento prematuro | meteórica carreira | família ajuda, mãe sempre por perto |
| comparação com atletas prodígio | acontecendo tudo muito rápido | separam mensagens positivas |
| trajetória impressionante | conciliar estudos e rotina de atleta | timeline é só dancinha |
| segurança, descontração e leveza | comprar casa própria | “dou meus paranauês” |
| simpatia e maturidade | sonho | disputa e faz provas na escola |
| mais jovem representante do país | nem parece negra na ilustração | excelentes notas |
| inspiração em outras skatistas | Rayssa sem seus traços originais | vivendo um sonho |
| carreira vitoriosa | tiram a identidade racial da atleta | pode fazer história |
| força nordestina | encaixe em padrão de beleza branco | quer e continua a se divertir |
| currículo não parece de adolescente | como o público a vê e reconhece | gosta de ouvir música |
| acompanhada por responsável | carisma, animação e juventude | continua a ter amigos ao lado |
| rotina inusitada | fenômeno brasileiro | gosta de passear no shopping |
| estudos | | não está na idade para namorar |
| | | entrevistas fãs, campanhas, marcas |
| | | número de seguidores no Instagram |

capa de revista *Marie Claire* e *Vogue*

Continua...

Continuação

| Antes das Olimpíadas | Durante as Olimpíadas | Depois das Olimpíadas |
|----------------------|-----------------------|--------------------------------------|
| | | saudades da família |
| | | timidez de uma criança |
| | | conquistou uma grande audiência |
| | | comunidade e pertencimento |
| | | Nike aumentou as vendas |
| | | mídia explora histórias inspiradoras |
| | | desafio, manter efeito novidade |

Nota. Elaborada pela autora

Categorização

Parte-se, agora, para a análise dos elementos expressivos apresentados na etapa anterior. De acordo com o método da Análise Interpretativa de Conteúdo aqui proposto, trata-se de uma descrição densa de cada elemento expressivo e é a partir desta descrição que se estabelecem os vínculos, dando origem a categorias interpretativas de análise.

Mantém-se a classificação nos três momentos. Para começar, são retomados os elementos expressivos das duas matérias publicadas antes das Olimpíadas, uma do jornal *O Globo* e outra do *Diário do Nordeste* (Figura 9).

Figura 9

Representações de Rayssa Leal antes das Olimpíadas



Nota. *O Globo* (Leister Filho, 2019); *Diário do Nordeste* (Azevedo, 2021)

Os elementos expressivos da Tabela 3, referentes à primeira coluna, serão agrupados em duas categorias interpretativas de análise: (a) “vitalidade juvenil instrumentalizada” e (b) “vitalidade juvenil significada”. Usa-se, aqui,

P

Disputas e impasses nas representações midiáticas da skatista Rayssa Leal

a imagem da “vitalidade juvenil”, pois se trata de uma recorrente forma de representar a noção de juventude como construção social, a partir de seu corpo forte e de sua energia “natural”.

A categoria “vitalidade juvenil instrumentalizada” reúne os seguintes elementos expressivos (palavras e expressões): “ranking”, “comparação com outras skatistas”, “superação e sacrifício”, “comparação com atletas prodígio”, “trajetória impressionante”, “mais jovem representante do país”, “carreira vitoriosa”, “currículo não parece de adolescente”, “talento precoce”, “talento prematuro”, “inspiração em outras skatistas”. Do ponto de vista de quem escreve, e é essa a tarefa da “descrição densa” nesta etapa, a “vitalidade juvenil instrumentalizada” se estabelece a partir de um olhar que busca eclipsar as vulnerabilidades juvenis, valorizando o que há nos jovens que, por contraste, pertence ao “mundo adulto”. Fala-se em “carreira”, “currículo” e “prematividade”, por exemplo. Ao ranquear e comparar os atletas, retira-se o que há neles de subjetivo – são só elementos numa lista e a cada qual se atribuem valores numéricos, uns mais positivos, outros mais negativos.

Por sua vez, a categoria “vitalidade juvenil significada” sintetiza este conjunto de elementos expressivos: “força nordestina”, “menina prodígio”, “segurança”, “descontração e leveza”, “simpatia e maturidade”, “fadinha do skate”, “brincar de skate”, “acompanhada por responsável”, “rotina inusitada” e “estudos”. Paradoxalmente à primeira categoria, esta busca ressaltar valores universais atribuídos aos jovens, dos quais também se retira a subjetividade, ao mesmo tempo em que se positivam as vulnerabilidades, as quais fazem, simbolicamente, parte da fase da vida em que estão.

Figura 10

Representações de Rayssa Leal durante as Olimpíadas



Nota. O Globo (Alexandrino, 2021); Estado de Minas (Rodrigues, 2021)

Seguindo para a coluna da Tabela 3, referente às duas matérias escolhidas para observar o momento “durante as Olimpíadas”, publicadas por *O Globo* e *Diário do Nordeste* (Figura 10), chega-se a três “categorias interpretativas de análise”, quais sejam, (c) “rito público de passagem”, (d) “legitimação objetiva da ambiguidade” e (e) “configuração coletiva da identidade”.

Por “rito público de passagem”, entenda-se o agrupamento dos seguintes elementos: “conto de fadas”, “sonho da criança virou realidade”, “chega a Tóquio fazendo história”, “não quer desperdiçar oportunidade”, “meteórica carreira”, “acontecendo tudo muito rápido”, “comprar casa própria”, “sonho”, “fez história no esporte”. Os ritos de passagem fazem parte das sociedades e marcam a transitoriedade de um status para outro – no caso das fases da vida, e especificamente da adolescência, estudos antropológicos já demonstraram sua importância para a demarcação dos papéis sociais de indivíduos dentro de grupos. A categoria “rito público de passagem” é uma tautologia, dado que os ritos de passagem são sempre coletivos e, portanto, públicos. Porém, aqui se enfatiza o “público” no sentido de audiência midiática: é a exposição e visibilização dos processos de transformação por que passam crianças, adolescentes e jovens, na maioria das vezes, de forma interessada – no caso de Rayssa, a fadinha realiza seu sonho ao ganhar a medalha e isso a leva a um outro lugar que não é mais o da criança, mas de alguém que faz história ou até mesmo compra a sua própria casa própria. E é exatamente isso que interessa ao jornalismo e à publicidade, é isso que “encanta”.

A categoria “legitimação objetiva da ambiguidade” abarca os elementos expressivos: “mais jovem atleta”, “criança que só quer diversão”, “apenas 1,45m e 35kg”, “conciliar estudos e rotina”, “carisma”, “animação” e “juventude”. Olhando da perspectiva de quem escreveu a matéria, entende-se que é necessário reforçar aspectos inerentes à fase da vida da atleta – sejam eles relativos à sua configuração corporal ou ao seu comportamento – para que o “rito público de passagem” seja ainda mais, digamos, “dramático”. Trata-se, afinal, de uma criança de “1,45m e 35kg” que “só quer diversão”, mas que “está fazendo história”.

Prestes a encontrar Rayssa do “outro lado” de seu percurso, de sua passagem pelo rito das Olimpíadas que transforma pessoas comuns em semideusas e semideuses, começam a ser reivindicados seus múltiplos pertencimentos e papéis sociais. O caso das ilustrações da skatista com traços brancos e da reação pública nas redes sociais é um bom exemplo. Sendo assim, a categoria “configuração coletiva da identidade” refere-se aos elementos: “fenômeno brasileiro”, “nem parece negra na ilustração”, “Rayssa sem seus traços originais”, “tiram a identidade racial da atleta”, “encaixe em padrão de beleza branco”, “como público a vê e reconhece”. Não só sua brasilidade, mas também seus traços fenotípicos são objeto de controle e, mais ainda, de elaboração coletiva,

P

Disputas e impasses nas representações midiáticas da skatista Rayssa Leal

o que se deu, na prática, na resposta dada por artistas ao criarem, eles mesmos, suas próprias representações negras da skatista.

Sobre o momento analisado depois dos Jogos Olímpicos (Figura 11), três outras categorias interpretativas podem ser propostas, a partir das duas matérias, n' *O Globo* e na *Exame*: (f) “legitimação subjetiva da ambiguidade”, (g) “mercantilização das subjetividades juvenis” e (h) “autonomia consensual regulada”. Todas dizem respeito ao impacto da visibilidade midiática adquirida, no caso de Rayssa, durante e após as Olimpíadas.

Figura 11

Representações de Rayssa Leal depois das Olimpíadas



Nota. *O Globo* (“Eu cresci”, 2021); *Exame* (Barros, 2021)

Em depoimento da própria Rayssa Leal, reproduzido no jornal *O Globo*, veem-se aspectos ambíguos com relação a sua condição adolescente – de um lado, a afirmação de que não é mais criança e de sua declarada consciência com relação ao que isso significa; de outro lado, a referência a práticas que denotam a permanência em um status quase infantil, ainda. Daí, propõe-se a categoria denominada “legitimação subjetiva da ambiguidade” que abriga os seguintes aspectos, enumerados na Tabela 3: “eu cresci”, “sei que [...]”, “sou incentivo a outras meninas”, “não sou mais criança”, “faço 14 anos já já”, “gosta de ouvir música”, “continua a ter amigos ao lado”, “ela e amigas gostam de passear no shopping”, o que contrasta com as afirmações da skatista: “quer e continua a se divertir”, que “não está na idade para namorar”, que sua “*timeline* no Tik Tok é só dancinha”. É importante sublinhar que o depoimento da atleta ao jornal *O Globo* apresenta-se como um texto em primeira pessoa, bastante informal,

remetendo ao seu jeito de se expressar. Porém, há de se supor que houve uma estratégia na construção das representações que ela busca fixar sobre si mesma. Também, percebe-se ambiguidade quando o jornalista, na matéria da *Exame*, atribui a ela “timidez de uma criança”, ao mesmo tempo em que discute seu potencial como uma “marca” valiosa no mercado, o que leva à próxima categoria.

A “mercantilização das subjetividades juvenis” reúne estes elementos expressivos: “comunidade e pertencimento” (como um “molho especial” da cultura do skate, segundo o jornalista), “Nike aumentando as vendas com o sucesso de Rayssa”, “mídia explorando histórias inspiradoras”, “seu desafio será manter o efeito novidade e o número de seguidores conquistado”. Todos esses elementos foram retirados da matéria da *Exame*, do ponto de vista do jornalista, que aponta o que Rayssa pode “ensinar às empresas”. A “mercantilização das subjetividades juvenis” é, pode-se dizer, alimentada pela “legitimação subjetiva da ambiguidade”, pois a permanência dos aspectos mais infantis ou adolescentes pode ser um valor para marcas que desejam nele se ancorar.

A última categoria a ser apresentada é a “autonomia consensual regulada” a qual, por ser consensual, pressupõe dois atores que negociam – “o jovem” de um lado, e “o adulto” que por ele é responsável, de outro. Nela, estão associados os termos, do ponto de vista de Rayssa: sua conquista “mudou toda a sua vida”, “dá os seus “paranauês” [para dar conta dos compromissos]”, “pode fazer história”, “vivendo um sonho”, “entrevistas”, “fãs”, “campanhas”, “marcas”, “crescimento do número de seguidores no Instagram”, foi “capa das revistas *Marie Claire* e *Vogue*”, conquistou uma “grande audiência” – mas, para que isso tudo acontecesse, teve que “continuar fazendo provas na escola enquanto disputava nos Estados Unidos”, tirando “excelentes notas”, sentindo “saudades da família” – mas por ela ainda controlada, com a imposição de “limite de tempo nas redes sociais” e com “mãe sempre por perto”, e também contando com seus pais para “separar as mensagens positivas” das redes sociais para lhe mostrar.

Teorização

Resumidamente, na etapa anterior, foram construídas oito categorias interpretativas de análise: “vitalidade juvenil instrumentalizada”, “vitalidade juvenil significada”, “rito público de passagem”, “legitimação objetiva da ambiguidade”, “configuração coletiva da identidade”, “legitimação subjetiva da ambiguidade”, “mercantilização das subjetividades juvenis”, “autonomia consensual regulada”. O objetivo da elaboração dessas categorias, para além da instrumentalização metodológica que aqui se propõe, é também o de servir a outros objetos de pesquisa,

dentro dos estudos das juventudes. Rayssa Leal foi o caso observado neste trabalho, mas, seguindo os preceitos das ciências sociais, os achados devem dispor-se à análise de outros contextos, levando a novas aplicações, críticas e avanços.

As oito categorias interpretativas de análise reforçam a ideia de que as *diversas* representações das juventudes tendem, no limite, a *uma* representação midiática da *juventude*. Ou seja, a noção de juventude, como valor universal da sociedade moderno-contemporânea, tem força prescritiva. Sendo “instrumentalizada” ou “significada”, a “vitalidade juvenil” é criada para servir à dominação adulta, como já escreveu Bourdieu (1983) – assim como a última categoria da lista, a “autonomia consensual regulada”. O “rito público de passagem” reforça o *tornar* público, o publicizar, reforçando também a transitoriedade que caracteriza a adolescência em toda a sua ambiguidade – a qual é “legitimada”, de forma “objetiva”, do ponto de vista de quem observa, e de forma “subjativa”, do ponto de vista de sua reprodução. A “configuração coletiva da identidade”, por sua vez, pode dar-se a representações midiáticas pautadas pela diversidade, mas também pela padronização de um ideal imaginado. Por fim, a “mercantilização das subjetividades juvenis” sintetiza as demais categorias interpretativas de análise: aquilo que torna um jovem singular é, por força da construção da representação midiática, passível de universalização, quando enquadrada na noção de *juventude*, prescritiva em toda a sua força simbólica.

A teorização elaborada a seguir parte dessas representações a respeito dos conteúdos midiáticos analisados e, conclusivamente, juntam-se às tais categorias interpretativas de análise algumas reflexões teóricas que embasam este artigo.

REPRESENTAÇÕES E DISPUTAS NA IMAGEM DE RAYSSA LEAL

Logo de início, é preciso que se conduza a discussão final a partir de alguns pressupostos teóricos: representação social, juventude e juventudes.

Serge Moscovici (2011, p. 54) elabora sua teoria das representações sociais afirmando que elas procuram “tornar familiar algo não familiar, ou a própria familiaridade” (Moscovici, 2011, p. 54). Para ele, há “universos consensuais” que conferem uma espécie de segurança e harmonia no plano das ideias e do conhecimento, que se consolidam com a repetição de situações, gestos e ideias.

Em seu todo, a dinâmica das relações é de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Como resultado disso, a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo, e as imagens sobre a “realidade” (Moscovici, 2011, p. 55).

A teoria de Moscovici, para a qual as representações sociais são prescritivas, porém não são estáticas e, portanto, estão em permanente transformação, inspira o presente trabalho no momento em que motiva a busca pelo seu processo mesmo de elaboração. A contribuição de Moscovici está, principalmente, na perspectiva de uma representação social que se constrói coletivamente, a partir de diferentes espaços do mundo cotidiano, inclusive o midiático, cimentando o social, reafirmando a força da memória, buscando a familiaridade e estimulada pelo momento em que a não familiaridade insurge-se, ainda que momentaneamente, contra o que está posto – para, em seguida, ser modificada, aproximada, identificada e, finalmente, vencida por força da necessidade de um universo consensual. O exemplo de Rayssa Leal nos Jogos Olímpicos busca acompanhar como se deram as transformações de suas representações nas mídias.

A figura da “fadinha” alçou a criança de 7 anos a uma enorme visibilidade midiática, e chamam atenção os investimentos das páginas esportivas na produção de uma cultura visual que valoriza uma combinação de aspectos lúdicos e heroicos, ambos inerentes a essa imagem (Helal e Costa, 2021). Foi assim que ela ganhou espaço na cultura do skate, conquistando veteranos como Tony Hawk e Bob Burnquist, e nas mídias, aparecendo em reportagens televisivas, tornando-se a “menina prodígio” das pistas em sua cidade maranhense, Imperatriz. Até o momento em que se anuncia a entrada do *skateboarding* nos Jogos Olímpicos, em 2016, Rayssa Leal era mais uma entre várias skatistas que se destacavam em campeonatos nacionais e internacionais. A partir desse momento, passou a ser uma “promessa” e, na medida em que sua idade avançava, se tornava uma “esperança de medalha olímpica”. Até ali, porém, as matérias jornalísticas a mencionavam em rankings e nas coberturas dos principais campeonatos com participação feminina, onde Pamela Rosa e Leticia Bufoni eram os destaques. Trabalhavam juntas as representações sociais constituídas por uma “vitalidade juvenil instrumentalizada”, em que se ressaltam os prodígios da juventude e talentos fora da curva que se destacam tanto *porque* são jovens, como *apesar de* serem jovens. Em paralelo, os aspectos que fazem parte da “vitalidade juvenil significada”, aquela que reforça os valores universais que fazem parte do senso comum sobre a juventude, estão presentes em todos os lugares midiáticos, mas sempre sedimentando a ideia de que há *uma* juventude.

A juventude, como a conhecemos hoje nas mídias, especialmente nas narrativas do consumo, é um conceito publicitário (Pereira, 2010) surgido nos anos 1950/1960 que sucederam a Segunda Guerra Mundial, momento em que a base dos meios de comunicação de massa se fixa no solo de uma “cultura juvenil”, mercado muito lucrativo para a emergente “cultura de massas” (Morin, 2006). Atualmente, as fronteiras simbólicas e representacionais estão

muito menos marcadas, com signos muito menos imediatos: a “juventude”, como construção social e *lifestyle*, impregna as culturas moderno-contemporâneas, expandindo-se como um ideal para todas as idades.

As mitologias presentes na cultura de massas, como nos ensinou Morin (2006), se expandem e perduram em outras plataformas midiáticas ainda hoje em dia. Uma delas diz respeito às histórias inspiradoras, de superação e sacrifício. O “rito público de passagem” serve a esse fim, explorando midiaticamente as meninas e os meninos que se tornam celebridades, do dia para a noite. São muitos os exemplos, em vários campos, não só no esporte, desde Michael Jackson e Nadia Comăneci, passando por Justin Bieber e Macaulay Culkin, chegando, porque não, a Rayssa Leal. Para isso, colaboram também as representações presentes na “legitimação objetiva da ambiguidade”, quando os conteúdos midiáticos reificam enfaticamente as vulnerabilidades decorrentes da pouca idade, sejam elas físicas ou psicológicas, e também as representações da “legitimação subjetiva da ambiguidade”, quando os conteúdos midiáticos dão voz aos próprios adolescentes e jovens que, atravessados pelas representações sociais que os tornam porta-vozes do senso comum, confirmam tais vulnerabilidades, reproduzindo-as, num círculo vicioso sem fim. Dessa forma, paradoxalmente, todo o poder da “juventude” como signo vem calando, durante várias décadas, as *juventudes* nas mídias de massa.

De acordo com José Machado Pais (1990), o cotidiano é um espaço social privilegiado para as configurações das “culturas juvenis” por meio do lazer, do “não fazer nada”, do “matar o tempo”. Se de um lado, no cotidiano, as práticas da “cultura do lazer” colocam os jovens dentro de uma unidade simbólica, a “juventude” – o que limita as suas possibilidades como atores sociais –, por outro lado é por meio delas que se elaboram importantes laços de sociabilidade, de ações originais criativas e de vínculos a múltiplos pertencimentos, elaborando subjetividades plurais.

As culturas urbanas, nas quais a do skate se insere, são profícuas para a emergência de tais subjetividades plurais. Esse não é o caso de Rayssa Leal, cujas representações em disputa indicam que prevalece a noção homogeneizante de “juventude” como conceito. Como prevenção, se veem, não raro, representações configuradas pela “autonomia consensual regulada”, que tratam de conciliar as severas rotinas de jovens e adolescentes que são “celebridades” com os declarados cuidados da família.

A título de exemplo, em contraposição, pode-se trazer o skatista Pedro Barros, também medalhista olímpico em 2021, cuja participação nos Jogos foi engajada no sentido de fazer emergirem as incoerências da participação do *skateboarding*

em algo tão *mainstream* como as Olimpíadas. Mais ainda, Pedro Barros chama atenção para os cuidados que deverão ser tomados com relação à saúde mental de Rayssa Leal e de outros atletas de sua idade (Gabriel, 2021). O skatista, nos termos desta discussão, refere-se ao risco de exposição ao que aqui se denominou de “mercantilização das subjetividades juvenis” – Rayssa Leal, alçada à categoria de celebridade, sai dos rankings do skate e passa a figurar campanhas publicitárias, editoriais de moda, capas de revistas, deixando ser *mais uma* para ser única. Diferente das subjetividades que emergem de modo autêntico das culturas juvenis, essa subjetividade fabricada já nasce ancorada nas narrativas mercadológicas.

A cientista social mexicana Rossana Reguillo Cruz também discute as disputas que se dão com relação à ideia de “juventude” como uma construção social e o papel dos jovens em sociedade. O trabalho das instituições é, nesse processo, atuante e decisivo: segundo a autora, a forma como os jovens são classificados na contemporaneidade se deve a três condições centrais: o sistema de formação e socialização para o mercado de trabalho, o discurso jurídico e a “indústria cultural”. Dessas três condições, as duas primeiras, que dizem respeito ao trabalho e à justiça, junto com os discursos institucionais da escola e do governo, entre outros, acabam por estabelecer limites e normas que reduzem o campo de possibilidades dos sujeitos jovens. Para Reguillo Cruz (2000, p. 52) as indústrias culturais, de seu lado, favorecem expressões éticas e estéticas, o que abre possibilidades de inclusão e diversidade, “(...) um campo dos significados, bens e produtos culturais [em] que o sujeito juvenil adquire suas diferentes especificidades e se mostra como ator socialmente situado com esquemas de representação que configuram diferentes campos de ação”³.

Na esteira de Reguillo Cruz, há “campos de significados” pelos quais os jovens se investem no papel de “atores socialmente situados” – nesse caso, é uma autoexpressão das *juventudes*, e não a “juventude” representada –, com voz e atuação (Reguillo Cruz, 2000, p. 52): “É, portanto, de forma privilegiada, no campo das expressões culturais onde os jovens se tornam visíveis como atores sociais”⁴. Pedro Barros, pode-se dizer, é um jovem-ator “socialmente situado”, conforme demonstra entrevista analisada.

Com milhões de seguidores nas redes sociais, as disputas pelas representações midiáticas de Rayssa Leal levam a uma “configuração coletiva da identidade”, quando discussões relativas à representatividade – de raça, gênero ou orientação sexual, por exemplo – atravessam as demais. Como demonstrou a matéria analisada, a audiência reivindicou a negritude de Rayssa, enquanto inúmeras outras se referem a seu papel na disseminação do skate entre as mulheres.

³ No original: “Es en el ámbito de los significados, los bienes y los productos culturales donde el sujeto juvenil adquire sus distintas especificidades y donde despliega su visibilidad como actor situado socialmente con esquemas de representación que configuran campos de acción diferenciados.” (Esta e demais traduções, da autora)

⁴ No original: “Es pues, de manera privilegiada, en el ámbito de las expresiones culturales donde los jóvenes se vuelven visibles como actores sociales”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da Análise Interpretativa de Conteúdo permitiu o precioso exercício da construção do objeto da pesquisa, norteado pelo objetivo inicialmente proposto, que foi o de discutir o papel das representações midiáticas nas relações que se estabelecem entre a sociedade e as culturas juvenis, voltando-se para a reiteração de uma noção homogeneizante de “juventude” e para os decorrentes impasses que se impõem sobre formas comunicacionais que favoreçam a consolidação dos jovens em toda sua complexidade, como atores sociais. Quando se deu início à pesquisa nas matérias jornalísticas, era esperado encontrar um “final feliz”: a “fadinha” sai do casulo e vira uma adolescente que tem voz. No entanto, ao longo do percurso, pelo menos dentro do contexto que foi observado, respeitando aí todas as limitações possíveis, o que se encontra é um processo de subjetivação, porém pautado pelas representações reducionistas acerca da juventude. À revelia da paixão que todos nós nutrimos por Rayssa Leal em nosso imaginário diante do contexto político e pandêmico no Brasil, a medalhista, ou pelo menos algumas de suas representações, revelam ao final deste artigo uma atleta que nasce na complexidade das “juventudes” em meio à cultura transgressora do skate, mas que vem se sustentando num discurso midiático disciplinado, e disciplinador, que não serve apenas ao seu esporte, mas também à reprodução do conceito universalizado de “juventude”. ■

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (2007). *O poder simbólico*. Difel.
- Brandão, L. (2014). *Para além do esporte: uma história do skate no Brasil*. Edifurb.
- Helal, R., & Costa, L. Heróis e vilões do futebol: as narrativas da imprensa brasileira. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 13, 2021.
- Morin, E. (2006). *Cultura de Massas no Século XX. Volume 2: Necrose*. Forense Universitária.
- Moscovici, S. (2011). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Vozes.
- Pais, J. M. (1990). Lazer e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. *Análise Social*, XXV, 108-9.
- Pereira, C. (2010). Juventude como conceito estratégico para a publicidade. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 7(18), 37-54.
- Reguillo Cruz, R. (2000) *Emergencia de las culturas juveniles: estrategias del desencanto*. Norma.

MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

- ‘Eu cresci, podem me chamar de Rayssa Leal’. (2021, 13 de novembro). *O Globo*, p. 44.
- Alexandrino, R. de (2021, 25 de julho). Rayssa busca a realização de seu conto de fadas. *O Globo*, Esportes, p. 4.
- Azevedo, L. (2021, 22 de junho). Quem é Rayssa Leal, a ‘Fadinha do Skate’ de 13 anos candidata ao Ouro nas Olimpíadas. *Diário do Nordeste*. <https://bit.ly/3ny83Zi>
- Barros, B. (2021, 4 de setembro). Em que o fenômeno de Rayssa Leal pode ajudar a sua empresa? *Exame*. <https://bit.ly/3zuslFU>
- Brasileiras para ficar de olho em Tóquio: Rayssa Leal. (2021, 6 de julho). *Istoé*. <https://bit.ly/3U2TVna>
- Gabriel, J. (2021, 9 de outubro). Pedro Barros se preocupa com Rayssa Leal e defende idade mínima no skate. *Folha de São Paulo*. <https://bit.ly/3Kw0lIr>
- Gavioli, A. (2021, 26 de julho). Por que Rayssa Leal é conhecida como “Fadinha”? Entenda. *Exame*. <https://bit.ly/3JZfi3W>
- Leister Filho, A. (2019, 30 de junho). Brasileira de 11 anos mira pódio em estreia do skate nos Jogos. *O Globo*, p. 40.
- Paixão, L. (2021, 26 de julho). Quem é Rayssa Leal, a medalhista olímpica de 13 anos. *Claudia*. <https://bit.ly/3nKVIBh>
- Rayssa Leal celebra 6 anos de vídeo viral como “fadinha” (2021, 7 de setembro). *Quem*. <http://glo.bo/41174z9>
- Rayssa Leal entra para livro dos recordes como uma das mais jovens medalhistas. (2021, 27 de julho). *Marie Claire*. <http://glo.bo/3K5r6Sx>
- Rodrigues, T. (2021, 27 de julho). Rayssa Leal é desenhada com traços brancos por ilustradores. *Jornal Estado de Minas*. <https://bit.ly/3GgfeM6>
- Skate & Destroy. Esporte do futuro para destruir o tédio. (1986, 2 de novembro). *O Globo*, Segundo Caderno, p. 7.
- Sordi, C. (2021, 4 de novembro). Rayssa Leal avalia conquistas com skate e fala sobre fama repentina após Olimpíada. *Vogue*. <http://glo.bo/40RyPKQ>

FINANCIAMENTOS:

Este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo CNPq – Bolsa de Produtividade em Pesquisa, pela FAPERJ – Bolsa Cientista do Nosso Estado e Auxílio Básico à Pesquisa.

Artigo recebido em 2 de março e aprovado em 29 de julho de 2022.

